

Além de registrar a extrema dificuldade da relação amorosa, o texto de HMP celebra a intensidade e a mágoa dessa relação que se espalha e invade ambiente e objetos, corações e mentes. O sujeito deseja o desejo do outro, na exploração das imagens do espelho e do olhar ávido. Sobretudo, o desejo insiste não apenas em se realizar, mas em se expressar, ou expressar a relação.

Resultado da explosão do sujeito do inconsciente, espaço de miragem narcísica, o poema de HMP - recomposição do real através do olhar - articula-se ao simbólico. Só há olhar quando o sujeito é atravessado pelo desejo, mesmo que isso ocorra apenas no instante silencioso da criação:

Dou nome ao fogo: olhar dentro
de outro
olhar. Então podemos avançar
se é este o nosso destino, se já
sabemos
perder o próprio coração. Numa
pausa
de silêncios declaro: amo-te
mas não
posso ser romântico. (*Gestos
de Miradouro*, p.181)

Edgard Pereira

GONZAGA, Tomás Antônio.
Marília de Dirceu.

Belo Horizonte: Vila Rica,
1992. Organização de Melânia
Silva de Aguiar - Capa de Cláudio
Martins).

Lira XXXII

Se o vasto mar se encapela
E na rocha em flor rebenta,
Grossa nau, que não tem leme,
Em vão sustentar-se intenta;
Até que naufraga e corre
À discricção da tormenta.

Barco, mar, travessia. Não é fortuita ou arbitraria a presença de uma nau, ao lado da estrofe acima, na capa da última edição crítica da obra bicentenária de Tomás Antônio Gonzaga, *Marília de Dirceu*, lançada em Ouro Preto, durante o seminário Minas e as utopias - 200 anos da morte de Tiradentes.

Uma edição crítica, mais que um percurso, é um entrecruzamento de percursos, a orientar a leitura/caminhos. Seria paradoxal associar diversidade de trajetos com orientação, não fosse o sentido de diálogo, de interação contido na idéia de cruzamento.

No estabelecimento criterioso do texto, Melânia Silva de Aguiar, professora Titular de Literatura Brasileira da Universidade Federal de Minas Gerais e especialista na literatura mineira do século XVIII, estabelece um diálogo com balizadas edições anteriores, diálogo este que une duas outras pontas do

processo: a produção e a recepção.

Em seu papel mediador, a Crítica transita por espaços e tempos diversos num jogo intertextual compreendido em diferentes níveis.

No nível da produção, optando pela leitura de viés biográfico, estabelece relações entre História e Literatura, relendo o texto no contexto das Minas do século XVIII, retrçando os caminhos das pessoas/personagens: o Autor, Gonzaga/Dirceu; Maria Dorotéia de Seixas Brandão, a Marília; Cláudio Manuel da Costa/Glauceste; o Visconde de Barbacena e outros. Aí a trama amorosa se mescla à trama política da Inconfidência Mineira e configuram-se os papéis no palco do Brasil-Colônia.

No nível textual, opera-se o diálogo entre os próprios poemas, como no caso das variantes da lira "Eu Marília não sou algum vaqueiro", que, como observa a Organizadora, aproximam-se/distanciam-se através das fases da vida do poeta.

O trabalho minucioso revela ainda os intertextos míticos e literários, sem o que a leitura se tornaria difícil ou truncada. Aí, além das oportunas explicações das referências mitológicas, instala-se a preservação da maiúscula na grafia de algumas palavras, procedimento eliminado em edições anteriores, o que, segundo a Organizadora, quebraria a dimensão mitopoética dos termos. Assim

expressões como Horas e Tempo, atualmente com seu sentido mítico esvaziado, perderiam também no texto esse traço essencial. E as "Horas", ao invés de serem vistas como filhas de Zeus e de Têmis, encarregadas de abrir e fechar as portas do dia, remeteriam apenas a uma medida do tempo cronológico. O mesmo ocorreria com o "Tempo"/Saturno, que esvaziado de seu sentido mítico, não mais evocaria a imagem do pai a devorar os próprios filhos.

O que parece um simples detalhe pode ser, pois, fundamental na recepção de uma obra literária a atravessar tempos e espaços diversos. Assim, no texto de Gonzaga, convivem hoje Camões e Drummond, encontro só possível em um outro nível, o da recepção, onde a referência ao episódio "Inês de Castro" de *Os Lusíadas*, enquanto texto retomado, se cruza com o verso, depois parodiado por Drummond, em poema tão conhecido.

E em doce pranto desfeito,
Ao monte e Vale ensinando
O nome, que tem no peito.
(Gonzaga - p.110)

Ao monte ensinando e às
ervinhas
o nome que no peito escrito
tinhas.
(Camões)

Eu tenho o coração maior
que o mundo.
(Gonzaga)
Não, meu coração não é maior
que o mundo.
(Drummond)

E é ainda no nível da recepção que se pode observar a importância da contextualização, a evitar o risco da leitura anacrônica. O comentário do significado das palavras, remetendo-as à época da produção, fornece ao leitor elementos para melhor compreensão do texto. Veja-se, por exemplo, a explicação para o uso da palavra "atacada" na estrofe seguinte:

Aljava grande
Dependurada
Sempre atacada
De bons farpões. (p.52)

A expressão 'atacada' vem aqui com seu sentido menos usual de abarrotada (nota 34).

Mas o nível da recepção torna-se mais complexo quando se pensa que tudo isso passa pelo diálogo que se estabelece entre as diversas edições da obra, sobretudo outras edições críticas.

A Ecdótica ou Crítica textual tenta fixar o texto buscando ser fidedigna ao ânimo autoral, ou seja, àquilo que traduziria o desejo do autor. Dessa forma, poder-se-ia pensar que uma boa edição crítica fosse definitiva, o que dispensaria futuras edições. Isso não é verdade considerando que, além do possível surgimento de dados novos, objetivos e verificáveis, tais como manuscritos ou depoimentos, o perfil do leitor também é passível de mudanças, já que este está em interação com o imaginário de sua época bem como o sujeito a diferentes condicionadores de

leitura. Veja-se, por exemplo, a oportunidade de se estudar a questão da metalinguagem, do fazer poético na visão do próprio autor.

Nesse sentido, o crítico, em seu trabalho de mediação, cuida de manter vivo o interesse pela obra. Assim é que a Professora Melânia de Aguiar retoma edições anteriores, dialogando com elas, através de concordâncias ou divergências.

A principal divergência percebida é a que trata da ordem dos poemas. Na edição do INL, de 1957, o filólogo Rodrigues Lapa busca ordenar os textos a partir de uma suposta cronologia, alterando o que até então se propusera como mais próximo da origem, "uma forma de recepção consagrada em dois séculos", no dizer da Organizadora, que retoma a ordem tradicional.

Uma outra questão interessante é a já apontada grafia das maiúsculas privilegiada na atual edição em função do aspecto mítico das palavras, bem como a opção por uma pontuação ligada ao ritmo antes que à sintaxe, mais preocupada com o efeito estilístico que com a correção gramatical.

Dessa forma, justifica-se essa nova edição crítica, que lança outras luzes sobre a obra, ampliando o campo de leitura e investigação, já que quem ganha é sempre o leitor, que pode refletir mais detidamente sobre os textos. E, por isso, gerações podem se debruçar sobre a obra,"em

identificação somente possível através da arte", como diz a Organizadora. E pode-se acrescentar: mesmo que tal identificação se dê através do distanciamento reflexivo e divergente. É nessa cadeia de leitores que se preserva a memória de um povo. Não é, pois, apenas a poesia a "guardiã da memória", mas também o que se diz sobre ela, já que uma edição crítica é um ponto de encontro entre literatura e História. Daí a oportunidade do presente lançamento, que insere Gonzaga e sua obra bicentenária nas Minas dos anos 90, onde ainda se luta por utopias.

Ivete L. C. Walty

MATOS, Gregório de.
Ausgewahlte Gedichte.
Berlin: Lateinamerika, 1992. 145p.

São bem conhecidas as dificuldades e barreiras que a obra poética de Gregório de Matos precisou enfrentar, ao longo do tempo, em nosso próprio país, para encontrar seus leitores. Hoje, no entanto, apesar de tudo, ela é reconhecida como uma manifestação fundadora de nossa literatura, particularmente em sua vertente satírica.

Não devemos, entretanto, esquecer os outros aspectos de sua obra, particularmente os poemas religiosos, que se nos apresentam como realizações de altíssima qualidade estética. Em verdade, todos os aspectos de sua produção

permanecem ativos e provocantes, mesmo para o leitor de hoje. Mas seu aspecto satírico, durante séculos mantido à distância do público, tem sido o responsável principal pela manutenção de sua obra em evidência, pelo menos nos últimos anos. Fato curioso, se considerarmos ser a sátira um gênero perecível, isto é, que envelhece, que costuma perder a atualidade; isto pelo compromisso que mantém com o seu próprio tempo, pois trata-se de um gênero essencialmente pedagógico e moralizante.

Pois esse mesmo poeta, maldito e maldizente, chamado de "Boca do Inferno", encontra-se, agora, traduzido e publicado em língua alemã. A idéia de traduzir o poeta surgiu de dois seminários oferecidos ao Instituto Latino-Americano da Universidade Livre de Berlim (FU), no verão de 1987, pelos professores Mathias Rohrig-Assunção e Carlos Alberto Azevedo. O poeta baiano agradou de tal forma aos participantes dos seminários, que o projeto de traduzi-lo para o alemão foi imediatamente proposto. O trabalho duro da tradução foi realizado por Mechthild Blumberg e Birgit Russi, profissionais para com as quais contraímos, todos os brasileiros, uma dívida impagável.

As questões suscitadas, quando se pensa em tradução de poesia, são complexas e variadíssimas. Toda tradução coloca-se, necessariamente, como operação que envolve dois termos, como ponte entre